



**INNOVATION INOVAÇÃO
MANAGEMENT GESTÃO E
AND EDUCATION EDUCAÇÃO EM
IN TOURISM & TURISMO &
HOSPITALITY HOTELARIA**
APPLIED RESEARCH INVESTIGAÇÃO APLICADA

WITH THE PROCEEDINGS OF THE ISITH 2014
INTERNATIONAL SYMPOSIUM ON INNOVATION
IN TOURISM AND HOSPITALITY

INTEGRA AS COMUNICAÇÕES DO ISITH 2014
SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE INOVAÇÃO
EM TURISMO E HOTELARIA

COLEÇÃO POLITÉCNICO DA GUARDA



INOVAÇÃO, GESTÃO E EDUCAÇÃO EM TURISMO E HOTELARIA

*INNOVATION, MANAGEMENT AND EDUCATION
IN TOURISM AND HOSPITALITY*

INVESTIGAÇÃO APLICADA | APPLIED RESEARCH

INTEGRA AS COMUNICAÇÕES DO ISITH 2014:
SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE INOVAÇÃO EM TURISMO E HOTELARIA
WITH THE PROCEEDINGS OF THE ISITH 2014:
INTERNATIONAL SYMPOSIUM ON INNOVATION IN TOURISM AND HOSPITALITY



**COLEÇÃO POLITÉCNICO DA GUARDA
OBSERVATÓRIO DE TURISMO DA SERRA DA ESTRELA**

Título

Inovação, Gestão e Educação em Turismo e Hotelaria: Investigação Aplicada
Innovation, Management and Education in Tourism and Hospitality: Applied Research

Edição

Instituto Politécnico da Guarda

Colaboradores nesta Edição

*Adriano Azevedo Costa; Aida Maria de Brito Martins; Ana Carvalho; Anabela Sardo; António da Silva e Melo
Cláudia Carvalho; Cláudia Sofia de Oliveira Matos; Elisabeth Kastenholz; Elsa Ventura Ramos;
Emanuel de Castro; Eufrágio Manguale; Florbela Lages Antunes; Gisela Firmino; Gonçalo Fernandes
José Alexandre Martins; José Luís Abrantes; Liliana Branco Dinis; Luiz Gonzaga Godoi Trigo
Manuel Brites Salgado; Maria del Carmen Arau Ribeiro; Marlene Pinto Lourenço; Mercedes Aznar
Romeu Lopes; Vítor Roque; Zaida Ferreira.*

Comissão Científica

*Adriano Costa; Aida Brito; Alberto Martinho; Alexandre Panosso; Anabela Almeida; Anabela Sardo
António Melo; Augusto Moutinho Borges; Carlos Fernandes; Cláudia Almeida; Cláudia Faias; Diogo Rocha
Eduardo Guillén Solórzano; Elisabeth Kastenholz; Elsa Ramos; Emanuel Castro; Gonçalo Poeta Fernandes
Handerson Engrácio; Joaquim Antunes; José Alexandre Martins; Laurentina Vareiro; Luís Filipe Ambrósio
Luiz Araújo; Luiz Trigo; Magarida Vaz; Manuel Martínez Carballo; Manuel Salgado; Manuela Gonçalves
Marianna Sigala; Mercedes Aznar, Nuno Diniz, Nuno Queiroz Ribeiro; Osman Ozdogan; Pál Gubán
Patricia Navarro; Paula Coutinho; Paulo Almeida; Raul Ribeiro Ferreira, Romeu Lopes, Rui Raposo
Sandra Teixeira; Sérgio Araújo, Susana Melo Abreu, Teresa Paiva, Vítor Roque.*

Coordenação

Gonçalo Poeta Fernandes; Anabela Sardo; José Alexandre Martins; António Melo

Capa, Projeto Gráfico e Paginação

Humberto Pinto

Impressão

Artes Gráficas do IPG: Francisco Leite e Paulo Pina

Tiragem

500 exemplares

IPG | Novembro de 2015
Coleção Instituto Politécnico da Guarda

Depósito legal

401355/15

ISBN

978-972-8681-65-4

Financiamento

UDI - Unidade de Investigação para o Desenvolvimento do Interior

Desenvolvimento de novos produtos turísticos no vale do Alva: Turismo Industrial

Manuel António Brites Salgado (manuelsalgado@ipg.pt)
Instituto Politécnico da Guarda

José Alexandre dos Santos Vaz Martins (jasvm@ipg.pt)
Instituto Politécnico da Guarda

Elsa Maria Costa Ventura Ramos (elsaramos@ipg.pt)
Instituto Politécnico da Guarda

RESUMO. *O artigo insere-se no ISITH3 no âmbito da temática do Desenvolvimento de Produtos para analisar a existência de um modelo responsável, sustentável e competitivo, adequado a nível de gestão dos recursos naturais, culturais e do património, designadamente do edificado, da região do vale do Alva e, nesse âmbito, contribuir para a preservação das características endógenas e a sua consequente valorização, que pode ajudar decididamente na transformação deste destino turístico. A elaboração de uma análise SWOT consistente com vista a diagnosticar a situação da envolvente interna neste território de baixa densidade e estudar as oportunidades e as ameaças da envolvente do contexto nacional, visa interpretar o contributo do produto turismo industrial para o desenvolvimento socioeconómico e cultural deste território do interior do Centro de Portugal.*

O modelo de desenvolvimento turístico sustentável em áreas rurais exige às organizações existentes que partilhem objetivos, atividades e recursos, de forma a conseguir o máximo proveito com o mínimo de custo e esforço. cremos que a sustentabilidade do turismo passará pela satisfação das necessidades das populações locais e dos turistas, simultaneamente, no presente e no futuro, bem como as dos agentes da indústria turística. Conclui-se sobre a importância crescente do turismo em regiões de cariz rural, pois é considerado um fenómeno estruturante para a valorização dos recursos naturais, culturais e patrimoniais.

PALAVRAS-CHAVE: *Recursos, Estratégia, Produtos, Turismo Industrial.*

I. Introdução

Os produtos turísticos a dinamizar num dado território podem ser diferenciados, de acordo com as potencialidades dos seus recursos endógenos. Assim, consideramos necessário definir as melhores políticas setoriais e assumir as estratégias mais adequadas com vista a um desenvolvimento sustentável e competitivo, quer a nível local, quer regional.

Assim, consideram-se, neste estudo, os seguintes objetivos: avaliar a oferta turística do vale do Alva com o principal intuito de promover produtos exclusivos dirigidos a nichos de mercado, que possam assumir uma projeção nacional e internacional; proceder a uma inventariação dos principais recursos patrimoniais existentes com vista ao conhecimento do seu potencial turístico e tornar possível a estruturação deste “novo” produto turístico; escolher os recursos patrimoniais que podem determinar a vocação e a imagem desta região de destino; promover o desenvolvimento de um “novo” produto turístico de excelência (turismo industrial), que garanta uma

dinâmica de rede a nível regional; e analisar a complementaridade deste “novo” produto com a lógica de rede do turismo de aldeia.

Neste âmbito apresenta-se uma análise SWOT consistente com vista a diagnosticar a situação da envolvente interna neste território de baixa densidade e estudar as oportunidades e as ameaças da envolvente do contexto nacional. Pretende-se, assim, compreender o contributo deste produto turístico para o desenvolvimento socioeconómico e cultural deste território do interior do Centro de Portugal. Para este efeito observa-se que a metodologia, de cariz mais qualitativo e exploratório, considera a perspetiva dos representantes autárquicos no território em estudo, que são responsáveis pela gestão e valorização do património edificado, em particular daquele que tem interesse para caracterizar atividades socioeconómicas relevantes.

Pensamos que o modelo de desenvolvimento turístico sustentável em áreas rurais exige às organizações existentes que partilhem objetivos, atividades e recursos, de forma a conseguir o máximo proveito com o mínimo de custo e esforço. Cremos que a sustentabilidade do turismo passará pela satisfação das necessidades das populações locais e dos turistas, simultaneamente, no presente e no futuro, bem como as dos agentes da indústria turística. A importância crescente do turismo em regiões de cariz rural é estruturante para a valorização dos recursos naturais, culturais, patrimoniais e humanos. Estas realidades parecem indiscutíveis e traduzem-se em preocupações crescentes face à conservação dos recursos patrimoniais, que serão um ponto forte a potenciar com vista a combater a desertificação crescente de territórios periféricos. Assim, o turismo industrial é um produto oportuno para a região que, porém, deve ter presente, designadamente, as suas características endógenas eminentemente naturais e rurais.

O turismo necessita de um planeamento e gestão eficazes com vista à utilização mais racional dos recursos, que garanta a sua preservação para as gerações futuras num compromisso de desenvolvimento sustentável e necessariamente competitivo. A gestão participativa e integrada é uma ferramenta necessária para envolver todos os atores do turismo nesta região. No terceiro ponto caracteriza-se este destino turístico para adquirir um conhecimento a nível regional, que tem o intuito de avaliar o potencial de produtos turísticos estratégicos. A articulação em rede, no contexto regional, pode contribuir para a coesão das visões municipais e pautar as reflexões com vista a melhorar o desempenho do destino. Sabemos que se pode tratar de um rendimento oportuno para os investidores locais e de emprego para os residentes, podendo assumir uma visão estratégica para a região, o que implicará uma gestão e atuação articulada no território de cinco municípios em apreço, analisando o potencial “adormecido do turismo industrial.

II. Desenvolvimento turístico sustentável e competitivo

A Organização Mundial do Turismo (OMT) indica o turismo sustentável por salvaguardar o ambiente e os recursos naturais, garantindo o crescimento económico da atividade, ou seja, por ser capaz de satisfazer as necessidades das presentes e futuras gerações. O turismo sustentável deve compatibilizar os anseios dos turistas com os das regiões recetoras, garantindo a proteção do meio ambiente e estimulando o desenvolvimento da atividade em consonância com a sociedade local.

Simões e Ferreira (2009) salientam que os turismos de nicho agregam uma miríade de produtos turísticos onde a escala limitada da sua procura tende a ser um dos principais critérios – ainda que subjetivo – de identificação. Em muitos contextos sócio territoriais, configuram uma nova oportunidade de inovação e de alavancagem do processo de desenvolvimento, não apenas turístico, mas também territorial. Aos drivers da procura e da oferta na crescente afirmação dos turismos de nicho, junta-se o contributo do território, através da mercantilização de recursos específicos.

Reconhecemos que o turismo necessita de um planeamento e gestão eficazes com vista à utilização mais racional dos recursos, que garanta a sua preservação para as gerações futuras num compromisso de desenvolvimento sustentável e necessariamente competitivo. Para este desiderato consideramos que a gestão participativa e integrada é uma ferramenta necessária para envolver todos os atores do turismo nesta região do Vale do Alva.

O turismo e o lazer assumem uma importância crescente ao nível da sua relação com os sistemas ambiental, social, económico e cultural, mas também tecnológico, entre outros sistemas com os quais o sistema turístico estabelece interações fundamentais, entre os quais gostaríamos de destacar também o científico/educativo pela relevância que atribuímos à interceção fundamental que se realiza com o turismo, sobretudo pela necessidade crescente de desenvolvimento da educação, formação e ciência aplicadas ao turismo na atualidade (Cunha e Abrantes, 2013: 104). Pensamos que o turismo industrial também aqui contribui, e pode contribuir ainda melhor, para uma aprendizagem efetiva acerca da ciência e da tecnologia, por nos transportar ao passado, exigir a conservação no presente e projetarmos um futuro melhor, suportado na herança de gerações.

Observa-se que a formação no âmbito do turismo é dos atributos essenciais com vista a cumprir 2 princípios basilares presentes na Lei de Bases do Turismo (Decreto-Lei n.º 191/2009, 5337), que estabelece que o princípio da sustentabilidade se traduz na adoção de políticas que fomentem: “ a fruição e a utilização dos recursos ambientais com o respeito pelos processos ecológicos, contribuindo para a conservação da natureza e da biodiversidade; o respeito pela autenticidade sociocultural das comunidades locais, visando a conservação e a promoção das suas tradições e valores; a viabilidade económica das empresas como base da criação de emprego, de melhores equipamentos e de oportunidades de empreendedorismo para as comunidades locais”. Por sua vez, o princípio da competitividade traduz-se, designadamente: “a) Na adoção de políticas de ordenamento do território que potencializem os recursos naturais e culturais como fontes de vantagem competitiva para os destinos e produtos turísticos;... d) Na adoção de políticas de educação e de formação que garantam o desenvolvimento das competências e qualificações necessárias ao desenvolvimento do turismo;...”

Na comunidade académica assume-se que os fluxos turísticos têm a capacidade de gerar impactes positivos e negativos, tornando-se assim necessário considerar os melhores processos de planeamento e de desenvolvimento turísticos a nível regional, muito particularmente em áreas predominantemente rurais e naturais. Os desafios do mundo rural incluem o turismo como setor essencial com vista à sua refuncionalização no âmbito de um desenvolvimento equilibrado, que se suporte progressivamente numa base económica diversificada a nível regional.

A necessidade de uma análise integrada multissetorial e pluridimensional no território visa permitir que o turismo ajude neste reestruturação das economias locais e regionais (Augusto et al., 2010). O trabalho de tornar um território coeso e competitivo implica definir o modelo que melhor permitirá atingir tal objetivo, “sendo que um poderá ser de natureza claramente exógena e outra endógena, designados também de abordagem top-down e bottom-up ou, eventualmente, fazer coexistir um misto de governança (top-down/bottom-up) suportada pela metodologia do planeamento estratégico aplicada ao planeamento territorial”. Parece-nos que esta metodologia, que combina as duas abordagens, será oportuna com o intuito de definir melhor as políticas e de as implementar no território em apreço no vale do Alva.

A intervenção ao nível do produto turístico global assume uma miscelânea de elementos, tangíveis e intangíveis, ultrapassando a especificidade e os contornos da oferta direta do setor. Neste contexto, consubstancia uma intervenção enquadrável no âmbito dos princípios do desenvolvimento turístico sustentável e preconiza uma atuação interdisciplinar, envolvendo outras áreas além do turismo, como o ambiente, o urbanismo, o ordenamento do território e a cultura (Silva et al., 2001, 2005, citado em Silva, S., 2013: 270).

O princípio da sustentabilidade tornou-se uma das questões mais importantes da reflexão académica, também no âmbito do turismo, desde os últimos anos da década de 80. Depois de serem notadas as consequências sociais e ambientais do desenvolvimento passaram a ter em conta as questões ambientais, sociais e culturais, a par das económicas. Como também a competitividade de destinos turísticos, a nível regional, tem tido uma atenção crescente para garantir o crescimento económico e do emprego, através de estratégias a longo prazo.

III. Caracterização dos recursos do Vale do Alva

No contexto do enquadramento geográfico revela-se também necessário proceder a uma inventariação rigorosa dos recursos endógenos com vista ao seu conhecimento e à estruturação da oferta turística com o intuito de promover produtos de excelência, que possam mesmo ter uma projeção internacional. No seguimento desse estudo é necessário definir os recursos turísticos que determinam a vocação e a imagem turística desta região-destino Vale do Alva e, assim, promover o desenvolvimento de atrativos turísticos de excelência, funcionando como verdadeiros dinamizadores das políticas e das estratégias sectoriais do turismo, sobretudo projetando essa dinâmica a nível regional.

A região Centro de Portugal, onde se insere o vale do Alva, possui um enorme potencial para se transformar num destino turístico relevante a nível nacional, sobretudo agora que existe uma Entidade Regional única responsável por integrar as políticas que artificialmente fragmentaram este território NUT II, a nível turístico.

De seguida passamos a descrever a região do vale do Alva, que pode facilmente ser considerado um verdadeiro culto à beleza natural. Por exemplo, no Roteiro da Serra da Estrela elaborado por Queirós et al. (2008: 81-87) propõe-se um percurso pelo Vale do Alva: Vide, São Gião e Sandomil, pois “por detrás de Vide, levanta-se a Serra do Açor, coroada pelo Colcorinho. Dali se pode subir à aldeia histórica do Piódão, um presépio de xisto, passando antes pelos Centros de Interpretação de Chãs d’Égua e de Vide, onde nos afloramentos rochosos das ribeiras de Alvoco e Piódão se encontra um importante núcleo de gravuras rupestres, datadas do Neolítico à Idade do Ferro”. Destaca-se nesta parte do roteiro uma descrição detalhada do património natural e cultural do vale do Alva, que é fundamental conhecer com vista a potenciar a sua valorização para o turismo, recreio e lazer, sobretudo nos concelhos de Seia e de Oliveira do Hospital. Salientando que no concelho de Seia, o rio Alva está inserido na área protegida do Parque Natural da Serra da Estrela.

A procura de espaços naturais para o desenvolvimento de atividades turísticas continua a crescer, sobretudo aqueles que apresentam a presença do Homem e as paisagens que possuem elementos aquáticos. As atividades como os percursos pedestres em espaços eminentemente naturais e rurais são cada vez mais procurados para fins de lazer e de turismo (ex. Percurso Cabeço dos Corvos (PR3) – Alto Alva) (CISE, 2013: 58-64). Neste contexto, o território em apreço constitui pelas suas características um destino muito interessante para diversas atividades lúdicas, recreativas e turísticas, pois possui um espelho de água que potencia essa fruição de uma experiência turística singular.

A obra Rotas e Percursos da Serra da Estrela propõe um conjunto de percursos pedestres que conduzem o visitante a observar a diversidade de paisagens e habitats das áreas mais elevadas da Serra da Estrela, dos quais se destaca o percurso do Cabeço dos Corvos, acima referido, com uma extensão de 5785 metros de tipo circular e de baixo grau de dificuldade. Este percurso denominado de Alto Alva integra “um conjunto de percursos de pequena rota que têm como objetivo dar a conhecer a paisagem, geologia, flora e fauna da Mata do Desterro, área florestal que se encontra sob gestão do Município de Seia. O itinerário percorre a cumeada da referida Mata, atravessando uma zona de relevo relativamente suave, a uma altitude superior a 900 metros, coroada pelo marco geodésico do Cabeço dos Corvos” (1061 metros de altitude), constituindo o ponto mais elevado da Mata do

Desterro. No concelho de Seia realizou-se no passado mês de novembro um Festival Internacional de Passeios Pedestres que “é a forma de unir vontades e saberes”. Não nos podemos esquecer que a aldeia do Sabugueiro, onde nasce o rio Alva, é uma aldeia de Montanha que brilha e que apetece visitar durante todo o ano, que tem muitos vales, muito verde, muita água e muita luz.

A maior parte dos locais privilegiados são acessíveis a pé, pelo que uma Rede de Percursos Pedestres é uma das melhores apostas para visitar este território, bem como a diversidade de recursos naturais (geológicos, orográficos), praias fluviais, flora, fauna, bem como, assim é evidente a importância do setor primário – património rural e práticas agrícolas tradicionais. No entanto, não nos podemos alhear da representatividade do setor secundário nesta região - moagem, panificação, lagares de azeite, lanifícios, cerâmica, energia elétrica, tendo como fonte de energia a força da água na maioria destas indústrias.

A região da Serra da Estrela encontra-se geograficamente integrada na área do Centro de Portugal e caracteriza-se por reunir um conjunto de fatores endógenos de extrema importância, que lhe conferem uma singularidade muito própria como destino turístico, relevante a nível nacional. Assim, o património construído da Serra da Estrela caracteriza-se pelo seu carácter rústico e pela sua originalidade, que se refletem na estrutura das construções tradicionais e até na tipologia das aldeias. São exemplos desta rica e vasta herança as igrejas, as capelas, as pontes medievais, as alminhas, os cruzeiros, os chafarizes, as fontes, bem como os moinhos de água, os fornos comunitários e os lagares, que, utilizando os materiais característicos de cada local, se enquadram harmoniosamente na paisagem. Os usos e costumes tradicionais não se perderam e são revividos através de um diversificado conjunto de manifestações populares, onde pontificam as procissões, festas e romarias, muitas das quais radicam nas ancestrais práticas silvo-pastoris da região.

Outrora, o Planalto Superior da Estrela acolhia, nos meses de Verão, grandes rebanhos transumantes conduzidos por pastores que procuravam as pastagens de altitude. Durante a Primavera, após o degelo, pastores e rebanhos deslocavam-se desde o sopé, para o alto da serra, vindos do vale do Douro, da Cova da Beira, do Alentejo e mesmo das regiões fronteiriças espanholas. No Outono, com os primeiros ventos frios, os rebanhos desciam para paragens mais acolhedoras no Baixo Alentejo, nos campos do Mondego e nas campinas de Idanha. A lã adquiriu tal importância como matéria-prima que esteve na base do desenvolvimento da importante indústria de lanifícios da região, em que a Real Fábrica de Panos da Covilhã se destacou pelo seu papel pioneiro. Hoje, esses movimentos transumantes quase cessaram. No entanto, os inúmeros vestígios deixados na Serra por esta atividade, como os abrigos rudimentares, os currais para os rebanhos e os malhões, são testemunhos importantes desse modo de vida, que se traduzem em acontecimentos e vivências turísticas muito interessantes de acordo com a experiência autêntica tão procurada pelos visitantes.

IV. Política e estratégia turística: Vale do Alva

Os principais objetivos do estudo do potencial de desenvolvimento de produtos turísticos para atingir a sustentabilidade ambiental, social e económica, no destino Vale do Alva são, designadamente: caracterizar os vários produtos a desenvolver em função do perfil do mercado turístico; identificar os produtos estratégicos e os respetivos segmentos de mercado prioritários para este destino turístico; selecionar os produtos característicos deste destino que correspondam às necessidades dos mercados turísticos; perceber a importância de certos atributos dos recursos no seu processo de atração e escolha de um destino à luz do(s) segmento(s) escolhido(s); perceber os atributos que cada segmento mais valoriza nos produtos oferecidos por este destino; conhecer a sensibilidade dos turistas, em cada segmento, às condições ambientais, dada a crescente preocupação com a componente ambiental do turismo, e a responsabilidade que o marketing tem no domínio do turismo em áreas protegidas; fazer sugestões para um melhor desenvolvimento da oferta turística, que se possa adequar a esses segmentos, no sentido da sua satisfação; sugerir algumas linhas de desenvolvimento do turismo industrial.

No processo de desenvolvimento territorial, a atividade turística dá origem a novas relações, criando novas atividades que resultam de estruturação espacial de serviços e atrações que garantem a produção turística (Cunha e Abrantes, 2013). Falar de turismo é abordar uma complexa teia de relações e conexões que requerem uma visão sistêmica onde o território é um elemento central. Sob esta ótica, a análise da atividade turística deve possuir uma abordagem multidimensional. Ao agrupar diversos elementos que interagem entre si e com o meio envolvente, o sistema turístico caracteriza-se pelos relacionamentos dos seus atores e pela influência dos diversos fatores do meio envolvente na atividade turística.

O sistema turístico é caracterizado por Beni (2007), sob uma abordagem holística que postula uma visão integrada e completa do fenômeno turístico, mas que necessita de uma análise detalhada dos seus subsistemas para entendermos as dinâmicas dos diversos elementos do sistema.

O sistema turístico proposto por Beni (2007) subdivide-se em três grandes áreas que envolvem todas as funções inerentes à atividade turística: as relações ambientais, a organização estrutural e as ações operativas. A compreensão do sistema emana da análise dos componentes básicos ou subsistemas que o compõem. As três grandes unidades do sistema subdivide-se em subsistemas (oferta, procura e distribuição) que desempenham funções primordiais da atividade turística. A análise aos subsistemas permite um olhar focalizado evidenciando os relacionamentos e as interações com o meio envolvente.

No entanto, apenas uma visão global permite uma análise sistêmica. Cunha e Abrantes (2013) indicam que o turismo é um sistema cujo funcionamento equilibrado resulta do contributo das diversas componentes. O sistema turístico segundo este autor confronta-nos com a dualidade do mercado (oferta e procura) e com um conjunto de elementos que estabelecem relações entre si de carácter funcional e espacial. Nesta abordagem ao sistema turístico, o sujeito do sistema são os visitantes que provêm de zonas emissoras e o objeto são os centros receptores que aglomeram um conjunto diverso de serviços.

O destino turístico é o resultado de um território que passou pelo processo de desenvolvimento da atividade turística originando novas relações e uma nova realidade económica, bem como a capacidade de atrair e de satisfazer os turistas. Buhalis (2000) caracteriza os destinos como uma mistura de produtos turísticos que oferecem uma experiência integrada aos consumidores. Os turistas consomem os destinos através da sua marca/nome do destino tendo por base condicionantes pessoais subjetivas como o itinerário, os motivos da visita, o nível educativo e cultural e experiências passadas.

Kotler et al. (2010) relativamente aos limites espaciais de um destino turístico afirma que estes podem ter um limite real ou um limite percebido com fronteiras criadas pelo mercado ou pelos elementos que compõem o destino. Muitas vezes os destinos turísticos estão divididos por barreiras físicas e administrativas que não têm em consideração as dileções dos turistas ou o posicionamento da indústria turística. Buhalis (2000) dá o exemplo dos Alpes partilhados pela França, Suíça, Itália e Áustria, que são percebidos e consumidos como sendo um produto turístico único, apesar dos limites fronteiriços entre os quatro países. Este exemplo pode também ser adaptado ao caso do rio Alva, partilhado por 5 concelhos. Assim, tendo por base uma ideia de cadeia de valor as atividades a montante, investigação e desenvolvimento de produtos, atividades de suporte, operações e logística são atividades proficuas para a cooperação entre concorrentes.

O produto turístico caracteriza-se por ser uma complexa amálgama de serviços. Do ponto de vista do consumidor, o produto turístico é um conceito subjetivo e depende fortemente da imagem e das expectativas que este possui do lugar/destino. O produto turístico para Kotler et al. (2010) são objetos físicos, serviços, destinos, organizações e ideias que satisfazem um desejo ou necessidade. O pressuposto de satisfação e de resposta às necessidades dos turistas origina o desenvolvimento de produtos turísticos integrados que respondem aos desejos dos

consumidores e à construção de uma imagem positiva do destino. Estes devem ser adquiridos de uma forma integrada e promovidos por todos os agentes da cadeia de valor do turismo (Holloway, 2009).

Klimek (2013) ao analisar as práticas de sustentabilidade de destinos turísticos em sete países europeus constatou o desenvolvimento de produtos turísticos “verdes” e o Ecolabeling como elementos importantes do mix de marketing dos destinos de natureza. Nomeadamente na Suíça, os destinos de montanha comercializam o turismo “verde” através de pacotes de produtos integrados. Já nos destinos turísticos polacos cada prestador de serviços vende o seu serviço, sem existir integração de serviços num produto “verde” integrado. Klimek justifica a inexistência de pacotes de produtos turísticos nos destinos polacos com a falta de cooperação entre os agentes públicos e privados e com a forte pressão competitiva.

É no desenvolvimento dos novos produtos, associados à exploração e à observação, seja de espaços naturais ou urbanos, do património cultural e natural, que se insere o objetivo do desenvolvimento endógeno, com base na preservação dos recursos e sua conseqüente valorização turística. Consideramos que no turismo de natureza podem identificar-se diversos níveis de subprodutos turísticos, “que vão sucessivamente sendo decompostos, sendo ainda importante considerar a existência de sobreposições entre os grupos e atividades, desde logo no primeiro nível”, conforme referido por Silva (2013: 148), que terá sempre como produto central o turismo na natureza.

Segundo Silva (2013), a intensidade de incorporação da natureza, tanto a nível geográfico como das representações, em cada tipo de atividades, é fator fundamental na decisão sobre quais os grupos de atividades é que devem ser incorporados dentro do turismo na natureza. Mas existem outras que poderão ser enquadradas em mais do que um produto, pelo que a segmentação dos produtos turísticos e a classificação das atividades dentro destes é um processo complexo e evolutivo, dependendo de muitos fatores.

O turismo de natureza é utilizador e potenciador dos recursos de uma região, e não podemos esquecer que na área que o rio Alva percorre, existiram indústrias ligadas diretamente à força do rio e algumas ainda funcionam, como a moagem, a panificação, lagares de azeite, lanifícios, cerâmica e energia elétrica. Indústrias que podem ser reutilizadas como novo produto da região, o turismo industrial.

V. Turismo Industrial

O turismo industrial afirma-se como um produto turístico de elevado valor económico, cultural e lúdico, através do qual os turistas conhecem empresas em atividade, revivem atividades de outros tempos e visitam espaços museológicos e museus.

O turismo de arqueologia industrial é definido como o “desenvolvimento de atividades turísticas e indústrias em locais construídos pelo homem, edifícios e paisagens que foram originadas com processos industriais passados.” (Edwards & Lurdes, citado por Carneiro, 2010). Portanto, esta forma de turismo é uma vertente do turismo industrial mais restrita, pois apenas explora o passado das indústrias, ao contrário do último que é mais abrangente por explorar desde a nostalgia do passado até à atualidade dos processos industriais. Então a arqueologia industrial é uma boa maneira para valorizar o tipo de património cultural, em particular aquele que está relacionado com a indústria como os sítios de antigas fábricas, edifícios e arquitetura, máquinas, equipamentos, bem como as paisagens industriais, produtos, processos e documentos da sociedade industrial.

Esta reflexão permite estabelecer algumas linhas orientadoras para repensar as metodologias e as estratégias de desenvolvimento turístico para o Vale do Alva. Dada a complexidade do sistema turístico regional podemos assumir a importância do turismo fluvial pela beleza e qualidade das praias fluviais do rio Alva desde o Sabugueiro

descendo até às praias fluviais de Vila Cova à Coelheira, de Sandomil, S. Gião, Avô, Côja, Moinhos de Alva ou do Agroal, entre outras. Salientando alguns edifícios já reaproveitados, destacamos o Museu Natural da Eletricidade, espaço museológico que nasce a partir da centenária Central da Senhora do Desterro (S. Romão/Seia), construída em 1907, ano em que se iniciou a construção do primeiro aproveitamento hídrico de quatro existentes sobre o rio Alva. A requalificação da antiga Cerâmica Arganilense, pela Câmara Municipal de Arganil, criando um centro de cultura, desporto e lazer, é outro dos ex-líbris da região.

O Projeto do Museu da Agricultura e Alimentação que poderá reabilitar o Solar dos Condes de Sandomil, propriedade da junta de freguesia local, cuja construção data dos finais do Século XVII e ainda hoje o alambique da casa está a trabalhar, sendo uma fonte de rendimento. O espaço permitirá expor a coleção existente nesta localidade, caracterizada pela forte expressão agrícola. O Presidente da Câmara de Seia, numa entrevista exploratória deste trabalho, disse ainda que o espaço museológico pretende recriar de forma interativa e interpretativa a história da alimentação, exercendo alguma pedagogia sobre os comportamentos alimentares, numa freguesia que em tempos foi considerada como o celeiro do concelho. Não nos podemos esquecer que boa parte da população de Sandomil ainda vive da agricultura, tendo ainda ativo o moinho da farinha, na margem do rio.

O Centro de Interpretação da Serra da Estrela criou um percurso pedestre chamado Rota dos Moinhos, pois só no concelho de Seia ainda estão ativos cerca de 24 moinhos.

O projeto por nós defendido é a criação de uma rota de Turismo Industrial, salientando que a maioria das antigas indústrias se situa junto ao rio Alva.

A criação de um fluviário na aldeia de Avô, aproveitando uma infraestruturas existente, uma antiga fábrica, poderia dar um outro significado e outro dinamismo e promoção desta rota. Este poderia ter como função a preservação das espécies piscícolas autóctones desta região, através da sua criação em cativeiro para mais tarde serem libertadas, através de ações previamente planeadas, bem como o estudo das tradições e da gastronomia, usando estas espécies autóctones. Este fluviário poderia ter uma denominação de Centro de Interpretação do Vale do Alva – CIVA. Os objetivos estarão sempre aliados ao caráter pedagógico nas iniciativas a desenvolver pelo CIVA, através de conferências, provas de gastronomia, projetos de divulgação e marketing, entre outras, promovidas em perfeita articulação com o poder local dos concelhos e dos agentes económicos existentes no Vale do Alva.

V. Conclusão

Desta análise conclui-se sobre a importância crescente que o turismo assume nas regiões rurais e de montanha, em particular, e de que as relações que o turismo estabelece com o espaço são cada vez mais estreitas, daí ser considerado um fenómeno estruturante nas organizações espaciais, baseando-se num conjunto cada vez maior de recursos naturais, culturais e humanos. Resulta também a percepção de que a procura turística é cada vez maior e mais exigente, procurando novos destinos, produtos e experiências.

Os produtos turísticos âncora podem ser uma alavanca das políticas e das estratégias setoriais, sobretudo projetando essa dinâmica ao nível regional, pela articulação dos esforços dos vários municípios envolvidos. Assim, pretendemos também refletir sobre o interesse relativo deste projeto do Vale do Alva no contexto do “novo” produto: turismo industrial.

No âmbito da Escola Superior de Turismo e Hotelaria, referimos o interesse do Projeto Associação de Promoção das Terras D’Alva (APTA), que foi projetada por um grupo de discentes da licenciatura em Turismo e Lazer, para uma estratégia integrada do desenvolvimento turístico para este território, tendo feito na aldeia de Avô a apresentação do seu trabalho académico em junho de 2013. Em junho de 2015 foi apresentado outro projeto denominado Fluvialva, que visa destacar o turismo fluvial no vale do Alva.

Referências bibliográficas

- Augusto, D. D., Pinho, J. C., Rodrigues, C. J. (2010); *Análise Integrada Multisectorial e Pluridimensional no Território*; Revista Turismo e Desenvolvimento, 13/14 (2), 499-511.
- Beni, M.C. (2007); *Análise Estrutural do Turismo*; São Paulo: 12ª edição Editora SENAC.
- Buhalis, D. (2000); *Marketing the competitive destination of the future*; Tourism Management, pp. 97-116.
- Carneiro, M. J. (2010); *Turismo Industrial – A arqueologia industrial e o turismo industrial*; p. 5. Universidade de Aveiro – DEGEI.
- CISE (2013); *Rotas e percursos da Serra da Estrela – Planalto Superior*; Seia. Coleção Guias Interpretativos da Serra da Estrela. pp. 58-64.
- Cunha, L., Abrantes, A. (2013); *Introdução ao Turismo*; 5ª Edição, Lidel, Lisboa.
- Holloway, J. C. (2009); *The business of tourism*; Edinburg: Pearson Education- 8th edition.
- Kastenholz, E. (2006); *O Marketing de Destinos Turísticos – O seu significado e potencial, ilustrado para um Destino Rural, Turismo de Montanha*; Revista Turismo e Desenvolvimento, n.º 6, pp. 31-44.
- Klimek, K. (2013); *Destination management organizations and their shift to sustainable tourism development*; European Journal of Tourism, Hospitality and Recreation, 27-47.
- Kotler, P., Bowen, J.T., & Makens, J.C. (2010). *Marketing for Hospitality and Tourism*. International 5º Edition : Pearson.
- Menezes, M. D. (2009); *Turismo no Minho: Uma abordagem de rede*; Universidade de Aveiro. Tese de Doutoramento.
- Diário da República (2009); *Lei de Bases do Turismo*; Decreto-Lei n.º 191/2009 de 17 de agosto, INCM, 1ª Série, N.º 158.
- Queirós et al (2008); *Roteiro do Património Natural e Cultural da Serra da Estrela*. Edição bilingue Português-Espanhol da Liga de Amigos. CCDRC. 81-87.
- Salgado, M. A. B. (2010); *Perspetivas do turismo rural em Portugal*, Moreno, F. J. J., Arcos, F. J., M. (ed.), *Estudios de Turismo Rural y Cooperación entre Castilla y León y Portugal*; Ediciones Universidad, Salamanca, 49-63.
- Salgado, M. A. B., Leitão, M. L. (2011); *Estratégia de Desenvolvimento Turístico da Serra da Estrela*, Revista Turismo e Desenvolvimento, 16, 97-113.
- Silva, F. (2013); *Revisão Crítica ao Produto Turístico de (na) Natureza em Portugal*; Revista da UIIPS. Instituto Politécnico de Santarém.
- Silva, S. (2013); *Turismo Interno; Uma Visão Integrada*; Lidel – edições técnicas.
- Simões, J. M., Ferreira, C. C. (2009); *Turismos de Nicho, Motivações, Produtos, Territórios*; in Cavaco, C. & Simões, J. M. *Turismos de Nicho: uma introdução*; P. 16. Universidade de Lisboa. Centro de Estudos Geográficos.
- Simões, J. M., Ferreira, C. C. (2009); *Turismos de Nicho, Motivações, Produtos, Territórios*; Universidade de Lisboa: Centro de Estudos Geográficos.